

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.

7.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA	PUBLICA-SE	PUBLICAÇÕES	N.º 998
	12 mezes, com estampilha. . . 2\$000 12 mezes, sem estampilha. . . 1\$600 Brazil, 12 mezes, moeda forte. . 3\$600 Folha avulso. 10		Correspondencias partic. cada linha 40 Annuncios cada linha. 20 Repetição. 10 Assignantes, 20 p. c. d'abatimento	

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser remettida, franca de porte, á administração do jornal—O «Commercio do Minho», rua Nova, n.º 4.

BRAGA

SABBADO 18 D'OUTUBRO DE 1879

Violação da lei do domingo.

(Continuação)

Eis algumas objecções contra a observancia da lei do domingo, ás quaes é pouco menos que necessario responder.

«O povo tem mais necessidade de pão do que de festas». O povo tem necessidade de pão e de festas, de trabalho e de repouso. Rousseau disse-o eloquentemente fazendo-se interprete da natureza e do bom senso. Todos os povos teem o seu dia de descanso. Seria mais facil achar um povo sem lingua, do que sem festas. E não cumpre ter em conta a vontade de Deus, que exige a sua parte de tempo que nos concede?

«O homem deve viver cada dia; é preciso pois que trabalhe cada dia». Sophisma impio! O homem seria profundamente desgraçado, e deveria desesperar da sua sorte, se não ganhasse em seis dias para poder descansar no setimo. O que tão facil era a nossos paes, tornar se-hia a nós impossivel? Dar-se-ha caso que a civilisação haja retrogradado de uma maneira horivel? Os desenvolvimentos da industria tornar-se-hiam fatalmente homicidas? O ferro e o carvão não seriam feitos para o homem; mas sim o homem para o ferro e para o carvão! A vida moderna se resumiria pois n'esta exclamação brutal: *Um homem é enterrado; mas um tonel de ferro no commercio é lançado!* Se o tempo não basta ao homem para ganhar a sua vida, é isso evidentemente devido a haver elle entrado em um caminho, de que convem desviar-o quanto antes. Este caminho é o atheismo ostentado pelo peccado a sangue-frio! O homem, regra geral, nunca bastará, sem Deus, a si e á sua familia. Se não procurar primeiro que tudo o reino de Deus, repetidas vezes sentirá a falta do necessario. Só Deus póde dar-lhe o pão quotidiano. Ha sempre um grande lundo de verdade, mesmo sob a lei evangelica do soffrimento, no seguinte oraculo do Rei Propheta:

«Aquelles que bemdizem o Senhor, eirão a terra por herança; aquellos que maldizem, serão dispersados. Foi joven te envelheci. Ora em toda a minha vida jamais hei visto o justo abandonado, e seus filhos mendigando o pão». A miseria universal e o pauperismo inquieto dos tempos modernos teem a sua origem unica e necessaria no esquecimento de Deus!

Que maior aberração que excitar o homem a ganhar dinheiro, e pensar tão pouco em ensinar a economisal-o? Uma das pragas dos nossos dias—e tambem isto é um peccado a sangue frio—consiste em dissipar os proprios haveres. Aquillo que a immensa maioria dos homens, mesmo honestos, do seculo XIX, gasta além das despesas da casa e da familia, é verdadeiramente espantoso. Os domingos e as festas os enriqueceriam relativamente, ao passo que a prodigalidade e a satisfação de mil necessidades facticias os arruinam e os matam.

«Quem trabalha reza». Sim; reza quem trabalha na ordem da Divina Providencia, debaixo da dependencia de Deus. Reza, por exemplo, o pae infeliz, a quem a mulher e os filhos pedem o pão, que elle não tem, e que trabalha deplorando a fatal necessidade, que o domina.

Mas o que trabalha sem necessidade, esse não reza, blasphema e apostata.

Notemos porém que a guarda do domingo, sem a sanctificação do domingo, não passará de um vão palliatio, que não conseguirá sustentar a torrente impetuosa, que ameaça arrasar tudo. Na Inglaterra quasi ninguém trabalha ao domingo; porém mais de sete milhões de inglezes não põem os pés no templo, nem fazem a mais breve oração. Eis aqui porque a embriaguez, a dissolução dos costumes e a miseria crescem alli n'uma proporção terrivel. Na França acontece quasi o mesmo, e o pauperismo se desenvolve a olhos vistos, e como a auctoridade civil olvida fatalmente os seus deveres, o descanso do domingo entre a classe operaria tende cada vez mais a ser substituido pelo repouso da segunda-feira; novo crime a sangue-frio, conspiração naturalmente inexplicavel contra Deus, contra o homem, contra a familia, contra a sociedade, contra o progresso; flagello devastador, que começa a encher de terrores a industria nacional.

Todo o mundo conhece o mal; mas para o conjurar seria mister um conjunto de medidas, desgraçadamente impossiveis de tomar debaixo da pressão de uma minoria falladora e odienta de *livres-penseadores*. Se os governos não podem impôr aos particulares o descanso do domingo, deviam pelo menos dar-lhes um salutar exemplo, mandando suspender os trabalhos publicos nos dias santificados. E' porém o contrario o que ali se observa; e d'est'arte são os proprios poderes publicos os que, transgredindo sem pudor os preceitos de Deus, se declaram abertamente atheus, e excitam o povo ao atheismo, que conduz fatalmente ao socialismo!

Quereis vós pois conservar a fé, o mais precioso de todos os dons—dom gratuito, é verdade, mas que Deus não recusa áquelles, que o imploram? Guardae e santificae o domingo. Não o dediqueis nem ao trabalho, nem ao descanso puramente humano, nem ás excursões de prazer, ás partidas do campo, da caça etc.

Orae com o coração e tambem com a bocca. Ouvi a santa missa—a missa da vossa parochia, e com toda a vossa familia, se quereis que os vossos filhos herdem a vossa fé. Para ser verdadeiramente christão e para gerar christãos, é mister primeiro que tudo ser fiel parochiano.

Lêde, não romances, mesmo religiosos, que alagam docemente a imaginação sem instruir e sem tocar, mas livros sérios, que esclareçam a intelligencia, enriqueçam o espirito e aqueçam o coração. Absteide-vos da leitura de toda e qualquer obra impia ou immoral, e ainda mais, e porque a sua acção diaria é profundamente deléteria, da leitura de jornaes, que não sejam francamente christãos.

Dae á vossa alma o seu pão transsubstantial; confesseis-vos e commungae nas principaes festas do anno.

Estes preceitos e estes conselhos são duros para a natureza, convenio n'isso; mas que felicidade que elles produzem!

Felizes os que temem o Senhor e que andam pelos seus caminhos! Vós comereis o fructo do trabalho das vossas mãos; sereis felizes, e tudo se vos tornará em bem. Vossa esposa será na vossa casa como uma vinha fecunda; vossos filhos,

como os rebentos da oliveira, circundarão a vossa meza. Vereis a celeste paz reinar sobre Israel e sobre os filhos dos vossos filhos.

(Extrahido da magnifica obra do abbade Moigno—*Les Splendeurs de la Foi*).

Anniversario natalicio de Henrique V.

Continúa a descripção do modo como por toda a França foi festejado o dia do anniversario natalicio de Henrique V.

NANTES

A Bretagne e a Vandée deviam celebrar, com um brilhantismo particular, o anniversario natalicio d'El-Rei.

A terra dos Bonchamps, dos Charette, dos La Rochejaqueien, da Cathelineau devia-se tornar distincta, entre todas, pela manifestação da sua fé realista; e soube cumprir o seu dever.

Que festa! Que união de corações! Que alegria! Que doces emoções!

Quinhentos e cincoenta realistas se reuniram, para festejar o anniversario do Senhor Conde de Chambord, e a commissão teve o sentimento de recusar logar a muitos por não caberem já nas salas.

A manifestação realista n'este dia, mostrou bem o sentimento popular da nossa provincia; mostrou bem que somos mais fortes do que suppunhamos.

As salas estavam elegantemente ornadas com bandeiras brancas e flores de luz, e aqui e alli, inscripções extrahidas dos manifestos d'El-Rei.

Reinava a mais perfeita união entre todas as classes da sociedade, que alli se achavam representadas: operarios, commerciantes, advogados, fidalgos, burguezes, todos se suppunham iguaes no dever de—saudar o Rei, de se sacrificarem por elle e pela patria.

Na mesa de honra tomaram logar o presidente snr. conde Alexandre de Monti, o general de Charette, muitos senadores, deputados, conselheiros geraes, etc.

Distribuiram-se photographias do Senhor Conde de Chambord aos centos, assim como exemplares de um gracioso soneto feito pelo snr. Tribulet.

No fim do banquete, o snr. conde de Monti levantou um brinde a El-Rei, com um brilhantissimo discurso, sendo frequentes vezes interrompido por calorosos gritos de:—*Viva o Rei! Viva a França!*

Em seguida, o senhor presidente leu á assembleia o seguinte telegramma, que acabava de lhe ser enviado em nome de El-Rei:

Conde Alexandre de Monti.

Dizei aos milhares de peregrinos reunidos em Saint-Ann d'Auray, que El-Rei está no meio d'elles, pelo pensamento e pelo coração. Agradecei-lhes, com a maior effusão, os seus votos, o seu zelo e a sua preserverança; recommendae-lhes união e concordia, e se une ás suas preces a Deus, para que restitua á França com a sua velha monarchia, no interior, a prosperidade e felicidade, no exterior, o respeito do mundo.

CONDE DE BLACAS

Este novo favor do Rei foi saudado com as mais entusiasticas aclamações e com os gritos:—*Viva o Rei! Viva Henrique V!*

O general Charette exprimiu em phra-

ses repassadas de sentimento a pena de não ter combatido os inimigos da França, á frente do seu valente regimento; e a felicidade, que n'este momento sentia de se encontrar no meio dos seus brethões, penetrados da mais pura fé christã e monarchica.

Cada phrase do heroico general era interrompida por mil gritos de—*Viva o Rei! Viva Charette!*

No meio da assembleia levantou se uma voz:—*Viva o primeiro soldado do Papa, o primeiro soldado do Rei!*

Um vandeano, digno a todos os respeito de representar a Vandée, n'esta festa brethã, fez o seguinte brinde:—*Senhores; a Vandée agradece á Bretagne o recebimento lisongeiro e cordeal, que se dignou fazer a seus filhos.*

De ha muito que a Vandée e a Bretagne são irmãs pela fidelidade, pelo amor e pela dedicação.

Deixae-nos dizer, senhores; a Vandée julga-se feliz e orgulhosa, tocando o seu no vosso copo, e bebendo á saude do Rei.

Senhores; A' SAUDE DE SUA MAGESTADE! VIVA O REI!

Depois foi lida a seguinte mensagem:

Senhor!

Depois de termos ido aos nossos sanctuarios privilegiados orar pela nossa amada patria e pela vossa Augusta Pessoa, quizemos tambem em um banquete festejar o anniversario do vosso nascimento; festejar este dia, em que, ha cincoenta e nove annos, toda a França n'este dia Vos saudava com o nome:—*DADO POR DEUS.*

Então ereis o Filho do Milagre, cantado pelos maiores poetas; hoje, príncipe completo, sagrado pelas dôres do exilio, nutrido, pela experiencia e pelo estudo, circumdado de todos os respeito, Vós nos appareceis destinado pela Providencia a levantar-nos no meio das nações, a restituir-nos a nossa antiga fé, as nossas mais caras liberdades, a nossa prosperidade.

Depois dos males da guerra, Senhor, e das tristezas da invasão, caíram sobre nós todas as desgraças: o espirito revolucionario dividiu o que ainda estava unido; os laços de familia estavam, o credito publico foi entregue ás mais perigosas aventuras; a industria soffre; o commercio maritimo está ameaçado de proxima ruina, e a agricultura, Senhor, que os Vossos avós tão generosamente patrocinavam, vê os seus mercados nas mãos do estrangeiro.

O operario, Senhor, cuja situação occupa tão grande logar na vossa paternal solicitude, está sem trabalho. Não estaria assim, se a revolução Vos não detivesse em longiquo exilio, pois só Vós podeis dar remedio a esta situação cheia de afflictção e perigos.

Ah! ao menos deixando a terra da França, deixaste n'ella a antiga divisa da Vossa Casa—*Esperança*; e nós, confiados no valor d'essa divisa esperamos, que, ouvindo os nossos gritos—*Viva o Rei!* toda a França repetirá brevemente o grito dos nossos paes—*Viva Deus! Viva o Rei!*

Então, o snr. barão de Oulroy levantou o seguinte brinde:—*«A's nobres, leaes e fieis povoações de Oeste, da Bretagne e da Vandée, que, no meio de todas as revoluções, teem conservado a sua fé religiosa e politica e saberão conserva-la sempre».*

Por toda a sala repercutiu o echo de—*sim, sim; sempre!*

A Bresse como a Bourgogne saíram da sua immobillidade.

Em Bourg, teve lugar um banquete semelhante ao de Dijon, onde se reuniram muitos realistas, a maior parte operarios, que, á ultima hora, vieram tomar lugar nas fileiras da realza, para levantar a França pela monarchia.

Tomou a presidencia o snr. Alfredo de La Bastie, que brindou El-Rei com um brilhantissimo discurso, notando a differença que o partido realista tem feito nos ultimos dez annos. Quem pôde, disse o orador, deixar de ver a mão de Deus nos successos, que ha dez annos se precipitam? Tenhamos confiança!

Por mais forte que seja a tempestade, bem vemos que cada vez estamos mais proximos do porto.

A minha fé de catholico e de realista não me deixa, nem por um momento, duvidar da proxima restauração da monarchia nacional.

A republica, no nosso paiz, não se pôde acclimatar nem durar.

Tudo annuncia o seu proximo fim.

O orador traçou depois, habilmente, o quadro da situação, e concluiu:

«A França não pôde prescindir de um governo estavel.

Quando teve a liberdade do voto, no meu uma assemblea realista. Um homem, que enganou todo o mundo, para satisfazer a sua insaciavel ambição, obsteu a que se proclamasse a monarchia, e entregou este pobre paiz a um partido, que o leva á ruina.

Mas como Deus dirige os acontecimentos!

Os partidos conservadores reuniram-se, ou antes—fundiram-se em um só.

Já não ha mais do que o partido nacional, que augmenta todos os dias; e a republica, que, ou pela sua cegueira, ou deixando-se arrastar pelas sociedades secretas, caminha rapidamente para a sua total ruina.

Esta nova situação nos impõe um dever, a que não podemos faltar:—esclarecer a opinião publica; combater o erro e dizer constantemente aos nossos concidadãos, que o descendente dos reis de França será um dia a sua salvação; que só elle, pelo principio que representa, pôde fechar a era das revoluções; proteger e ampliar as liberdades publicas; assegurar a paz e a tranquillidade indispensaveis ao desenvolvimento da prosperidade, que só elle, finalmente, pôde, contraindo solidas alianças, restituir á França o seu prestigio e grandeza.

Teem combatido a monarchia legitima sómente com uma palavra, dizendo que ella era impossivel; e, sem raciocinar, aceitavamos isto como uma verdade.

Ouvia-se a cada hora fazer o elogio da realza e d'aquelle que tão nobremente a representa; mas, acrescentando sempre—é pena que não possa salvar.

Devemos mostrar que isto não é assim.

A nossa causa é a de todos os catholicos; a de todos os francezes que amam o seu paiz; a de todos aquelles que pensam no futuro de seus filhos.

Nós esperavamos o triumpho, hoje temos a certeza d'elle.

Assim, senhores; unamo-nos no mesmo sentimento, fazendo uma saude ao Senhor Conde de Chambord, á prompta restauração da monarchia nacional, á familia dos Bourbons e á França: Viva o Rei!

O snr. Noel Le Mire, veterano da imprensa, dá conta de um banquete, igual a este, que se verificou em Lyon.

Oitenta operarios da Cruz Vermelha exprimiram o desejo de effectuar este banquete. Elle hesitava, porque lhe pareciam poucos; os operarios insistiram, dizendo, que o seu numero duplicaria quando descessem a montanha, e cumpriram a palavra: apresentaram-se cento e cincoenta, prometendo, que, na primeira festa, não se reuniriam menos de dois mil.

O snr. Villefranche pronunciou em seguida algumas palavras:

«Filho de povo, disse elle, bebo á saude da verdadeira democracia, e á reconciliação com os seus melhores amigos.

Senhores; bebendo á saude do Senhor Conde de Chambord, bebemos pela felicidade do povo; pela volta da prosperidade e paz social.

Se tivéssemos a ventura de termos entre nós o Filho e herdeiro dos monarchas, que fizeram a França, nenhum

brinde iria mais direito ao seu coração paternal e real que aquelle que fizéssemos aos operarios francezes».

(Continúa)

A' redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 9 de Outubro, 1879.

Mandei hontem ao Apostolo, a traducção que, por segunda copia envio ao *Commercio do Minho*; e que os leitores confessarão merecer mui séria attenção, por isso mesmo que o *Times*, como notou nas observações que apontei, desejou que passasse pouco ou nada attendida.

Como o Correspondente nota, a situação de Pio IX em 19 de Setembro ha 10 annos, era bem differente da de Leão XIII actualmente já.

No *Times* de 3 do corrente, vem uma carta do seu correspondente de Roma, com data de 23 de Setembro, e epigraphada—«Roma no fim de nove annos»,—que muito merece a attenção dos leitores Catholicos. E' notavel que, sendo de 23 de setembro, e as correspondencias de Roma recebendo-se aqui dentro de tres dias, a dita carta só apparecesse dez dias depois que fôra escripta.

A explicação do phenomeno é facil:—Uma carta que apparece assim na 4.^a pagina do *Times*, onde as outras tres não contém senão annuncios, não é lida por quasi ninguém; e ao *Times*, partidario sempre da Revolução Italiana, convinha pouco se visse, por testemunho de seu proprio Correspondente, como baixa na Cidade Eterna o crédito da monarchia revolucionaria, e cresce o do Pontifice—não falo de crédito financeiro, e ainda d'este, não creio seja melhor o do Quirinal que o do Vaticano. Eis aqui a Carta em questão, que traduzirei toda, se poder, ou em parte, se me não chegar o tempo:—

«Roma, 23 de Setembro.

«Alguns dos papéis publicam artigos a propósito do anniversario da brecha da Porta Pia, intitulado-os:—«Nove annos depois»—apresentando em côres talvez um tanto rosadas, as várias mudanças que ham tido lugar na condição e bem-estar da cidade, desde que entraram os Italianos. Sam grandes, sem duvida, e muito falta ainda, muito se tem feito n'esse tempo; mas, se a repetida chegada do 20 de Setembro naturalmente sugere considerações do que era Roma em 1870, do que ella é em 1879, e do que poderá vir a ser em 1880, acontecimentos que tem occorrido nos ultimos poucos dias, os dos ultimos tres especialmente, mostram que outras mudanças de notavel caracter também têm occorrido, e se vam tranquillamente desenvolvendo.

«Em 19 de Setembro, ha nove annos, o Soberano Pontifice achava-se desolado, e sentado no seu gabinete, cabisbaixo com a cabeça apoiada nas mãos; não havia para elle soccorro de parte alguma. Qual era n'aquelle tempo a sua supplica? bem sabido, e no dia seguinte trago até ás fezes o calix d'amargura. Foi quasi submergido nas ágoas da afflicção; seu dominio temporal tinha passado, e muitos pensavam que seu poder tinha desaparecido para sempre.

«Cada 20 de Setembro que voltava era dia de abstinencia e humilhação no Vaticano; e ao passo que os Italianos se regosijavam, os servos do Papado iam condoer-se com o Santo Padre, e prestar-lhe o que parecia serem vãs assurances de fidelidade. Mas tem passado nove annos e com elles tudo isso passou.

«O Soberano Pontifice já não procura sympathias, e recebe congratulações; mas, escolhendo a véspera d'aquelle dia de lústima, sentou-se, no Sábado ultimo, em solenne Consistório, cercado de toda a pompa e apparato formal do Estado Ecclesiastico, e levantou seus Embaixadores nas Côrtes de França, d'Austria, de Portugal e d'Hispanha á categoria de Principes da Igreja; mandou outros que fossem occupar os logares que estes tinham, e hontem (segunda-feira) celebrou a esplendida cerimonia de collocar o chipêo vermelho na cabeça de quatro de seus proprios cardeaes, e de um creado pelo Papa seu predecesor; repetindo, ao fazer isto, a cada um, a fórmula, bastante significativa em tal anniversario; mandando lhes se lembrassem, que a sua côr havia sido prescrita como um symbolo e constante

advertencia a elles, de que deviam em todo tempo estar promptos a derramar o seu sangue em defesa da liberdade ecclesiastica do povo christão.

«Nem a cerimonia de hontem se limitou no Vaticano. Os dois Cardeaes Austro-Hungaros volveram á residencia do seu Embaixador junto da Santa Sé; abriram-se as portas do Palacio de Venezia (*), e os purpurados receberam em cerimonia d'estado, como se fazia d'antes, os cumprimentos de todos os que quizeram ir congratulal-os.

«Se o que acabo de referir houvera sido tudo, poderia considerar-se como simples mudança de tactica; mas uma observação exacta dos acontecimentos como elles se seguiram, mostra que Leão XIII não assumiu fronte mais ousada sem sufficientes fundamentos para pensar que pôde mantel-a, e que não obstante ficar o resultado provavel um tanto a traz do que elle desejaria, vai, contudo firmemente ganhando terreno.

«Ha nove annos, direi, ha quatro annos ainda, os padres eram repetidas vezes insultados nas ruas; não se atreviam a sair á noite salvo em trajo leigo, e toda expressão desusada de sentimento religioso era signal, e muitas vezes provocação intencional, para demonstração hostil. Tudo isto passou.

«No dia 20 d'abril ultimo, chama Leão XIII o Povo Romano a protestar contra um insulto feito á Virgem, indo n'esse dia em procissão solemne ás tres grandes Basilicas. Correspondeu o Povo em dezenas de milhares, e não se ouviu na multidão uma só voz dissincente.

«No mez passado, o Cardeal Vigario, vestido em plenas vestes pontificaes, foi collocar a pedra fundamental de uma igreja n'um espaço aberto do Esquilino, em presença de todos os que quizeram alli juntar-se; e notei na multidão, que tres quartas-partes d'ella eram compostas de Liberaes, muitos d'elles fortes antagonistas do poder Papal, e Pedreiros Livres Italianos de alta categoria no officio ou irmandade, olhando mu tranquillamente para o que se fazia.

«Ha poucos dias o Papa excommungou publicamente um Arcediago por professar opiniões Liberaes, e o que ainda é infinitamente mais significativo, um ministro Protestante Italiano—homem pessoalmente merecedor da estima de todos,—foi, um dia da semana passada, impedido de visitar um membro do seu rebanho que se achava moribundo na cama; pondo-se toda a gente n'uma indignação da parte dos clerigos Catholicos, que tinham tomado posse da casa contra a vontade do moribundo.

«Interpoz também a policia a sua auctoridade por parte da Igreja, e não se ergueu uma só voz contra ella ou seus ministros. Os papéis clericos estavam jubilosos, e o *Osservatore Romano* satiricamente conclioa um artigo sobre o caso, advertindo outros ministros Protestantes, que tivessem cuidado para que em outras occasiões semelhantes lhes não acontecesse peor ainda.»

Eis ahi traduzida exactissimamente a carta inteira no *Times*; por seu conteúdo se poderá, creio, deprehender a razão porque o *Times* assim reservou a carta para matéria velha, de que a grande maioria dos leitores não tomava já conhecimento; especialmente, vindo n'aquelle pagina, para a qual pouquissimas pessoas olham.

Quanto a mim, semelhante facto, e vindo de semelhante auctoridade, que não permite duvidar se da sua exactidão, começa a indicar um d'aquelles milagres quietos e surdos por onde a Providencia Divina sabe sempre acudir á Igreja, como obra Sua, em tempo e occasião competente. E permite-se uma observação, que julgo verdadeira, e é, que no *Governo Civil* de Roma havia antes abusos que muito precisavam correcção; e que a borrasca revolucionaria purificára os ares, emendando esses defectos—que havia no *Governo Temporal* do Papa, como n'outros Governos.

A. R. SARAIVA.

(*) O magnifico Palacio e residencia da Embaixada Austriaca, o mais soberbo, talvez, em Roma.

(Saraiva.)

GAZETILHA

Viajante illustre.—No dia 15 pelas 2 horas e 14 minutos da tarde, sahio d'esta cidade para Lisboa, Monsenhor Rebello de Menezes, d'onde regressará entre breves dias. Desejamos-lhe feliz viagem.

Partido do Povo.—Este jornal desesperadamente republicano, que se publicava em Coimbra, vae publicar-se novamente em Lisboa em dia muito proximo. Desejamos-lhe muita vida e boas finanças e lhe pedimos, que não seja tão facil em calumniar a Igreja e o clero, como o fez na sua primeira estancia.

Fazemos-lhe este pedido em nome da boa critica e da muita lealdade com que devem ser tractados assumptos sérios.

Vigesimo quinto anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição.—Faz no dia 8 de dezembro proximo futuro 25 annos, que foi definida pela Igreja como dogma de fé a Immaculada Conceição de Maria Santissima.

Por um tal motivo, em muitas partes do mundo catholico, se preparam os fieis para celebrar este acontecimento, com a pompa e esplendor que lhe são devidos.

Portugal que, apesar de minado pela impiedade, é ainda o reino da Immaculada, e esta cidade de tradições tão gloriosas e que tanto deve á protecção da Virgem, não deixarão de rivalisar em zelo com os catholicos das outras nações, para darem á virgem esta prova do seu amor filial e da sua ardente fé.

Será, pois, festejado este dia com desusado esplendor e brilho, e, mais do que isso, com confissões, communhões e preces fervorosas, como o sabem fazer os servos fieis de Maria Santissima. E' esta a nossa convicção profunda, e, de certo, não seremos illudidos.

E assim, Maria volverá os olhos piedosos para as desgraças da nossa cara patria, trabalhada fortemente pelas seitas dissolventes, e abeirada do abismo pelos proprios que deviam salvar a; e as nossas preces, recebendo a virtude das Suas, chegarão ao throno do Omnipotente, e O moverão a embainhar a espada da sua justiça, prestes a descarregar o golpe sobre o outr'ora seu povo querido, e hoje... hoje, sim, despresador dos seus mandamentos e adorador do egoismo, dos prazeres e do ouro—*Regina sine labe originale concepta, ora pro nobis.*

Desastre.—De Portalegre participam o seguinte ao «Progresso»:

«Tendo-se notado hontem de manhã, 10, no seminario diocesano de Portalegre, a falta do professor d'aquelle estabelecimento, padre Antonio Chambel da Rosa, que a pouca distancia d'elle habitava em companhia apenas d'uma velha criada; e extranhando-se que, contra o habitos dos inquilinos, se conservasse a habitação por tanto tempo fechada, começou de suspeitar-se a existencia d'alguem desastre.

Dada parte da occorrença ás autoridades policial e de juizo, procedeu-se á entrada na casa da residencia por meio d'uma escada adaptada á janella, encontrando-se o inquilino sobre o leito do seu quarto em um completo estado apoplectico, e no quarto proximo, também sobre o leito, a velha criada já cadaver.

Encontraram-se também mortos alguns animaes domesticos. Averiguada a causa que teria dado origem áquelle lamentavel acontecimento, facil foi conhecer que elle havia sido motivado pelo acido carbonico, emanado da combustão latente e casual d'uma carga de carvão que se achava armada no pavimento inferior, situado mesmo por baixo dos quartos dos infelizes.

Aos promptos soccorros prestados pelo habil facultativo João Dias da Silva, que correrá ao local do desastre para prestar os seus serviços medicos, caso que d'elles houvesse necessidade, se deve o ter o moribundo podido voltar á vida, que prestes estava a abandonal-o.

A' hora em que escrevo pôde dizer-se que o snr. padre Chambel da Rocha está livre de perigo, posto que não se saiba ao certo quizes os estragos que n'elle produzira o envenenamento pelo oxido de carbone, tão funesto á vida animal».

Conflicto.—Segundo parece, surge agora um conflicto entre a Alemanha e o Perú, porque os tribunaes de Lima declaram boa preza um vapor allemão dedicado, segundo a sentença, a effectuar o contrabando de objectos de guerra.

Os armadores fizeram em Berlim um energico protesto.

Phenomeno.—Escreve o «Commercio de Penafiel»:—A' abundancia de producao vinicola de que demos um exemplar pouco commum em duas vides da quinta do snr. barão do Calvario, no ultimo numero do nosso jornal, temos a noticiar aos nossos leitores mais outro não menos phenomenal.

E' uma outra videira d'um só tronco com 1:619 cachos!

Esta vide excepcionalmente productiva pertence á quinta do snr. barão das Lages, e a contagem dos cachos foi feita solemnemente perante sete testemunhas.

Atestado curioso.—Um rapaz, desejando livrar-se de miliciano pediu ao cirurgião da terra que lhe passasse um atestado. Eil-o:

«Bertolo Augustio Cirurgião Cirurgico e Freumaceutico approva pello Porto Mendicatio e pello mesmo destinado á plicar a materea vaginosa, essa invenção tão util á Mortalidade, que neste piqueno recinto chamado pellos Astrologos ilha terceira, foram vaginadas sette mulheres gravidas por mim em só um dia, e nenhuma morreu nem teve bexigas.

Attesto que o suplicante padesse huma inconsequencia, por isso não pode servir Sua Rial Magestade. —Bertolo Augustio.

A situação da Europa.—Guerra! é a palavra que anda na bocca de todos os politicos, e que, desgraçadamente, dentro em pouco, será uma realidade. Ha questões pendentes, ha choques de interesses, ha rivalidades de nações, que fazem prever esse proximo futuro, e se havemos de acreditar os jornaes estrangeiros, que hoje recebemos, são inevitaveis tres guerras.

Os periodicos allemães dizem que em Berlim ninguem duvida de que a França provocará uma guerra á Allemanha, e que assim os allemães não podem ser considerados agressores por tomarem a dianteira aos francezes.

Os periodicos russos dizem, sem rodeios, que está imminente uma guerra da Russia com a Inglaterra, e que o exercito russo da Asia central deve desde já tomar posições, para a começar por aquelle lado.

O que escreveu o coronel Haymerlé acerca das relações da Austria com a Italia, não pôde esquecer, e porque não esqueceu acabam de lhe responder o general Mezzacapo e Garibaldi.

Promette, pois, a proxima primavera mais cheirar a polvora do que a flores. Bismark, para proseguir em seus planos não lhe faltará a força no parlamento, pois pôde contar com 202 votos contra 124; fazem parte da maioria 92 catholicos. Os catholicos estão pois com muita mais força no parlamento do que tinham na sessão passada; e supposto não tenham maioria, teem comtudo numero para se fazer respeitar.

Tanto mais, quanto é innegavel, que Bismark não está tão hostil á Igreja como era; diz-nos o telegrapho que elle, fallando acerca do Vaticano, dissera: Entre o *An possumus* e as leis de maio ha um abysmo insondavel; mas os abysmos passam-se com pontes, e as eleições do Lanstrag deitaram os alicerces de estas.

Para nós, o problema a resolver é, se a Allemanha fará guerra á França ou á republica franceza. Antes da visita de Bismark a Vienna, não achavamos tanta difficuldade na primeira d'estas hypotheses. Dir nos hão talvez que a ultima guerra não foi á republica franceza, mas á França, e não obstante a Austria ficou impassivel. A isto pôde responder-se que a situação da França e até a da Austria, era então muito differente da de hoje.

Em Vienna, teve lugar a abertura do parlamento; o discurso do Imperador foi como costumam ser todos os discursos da abertura do parlamento; o Imperador assegurou que estava nas melhores relações com todo o mundo, fingiu até que se esquecia das provocações da Italia *irridenta*, do folheto de Haymerlé, e das respostas que já teve da Italia, de Humberto e de Garibaldi.

E' verdade que fallou em projectos de lei para augmentar as forças do exercito austriaco, mas declarou logo que era no interesse da paz.

A diplomacia ingleza trabalha activamente, porque se vê ao mesmo tempo metida entre dois fogos.

Os jornaes inglezes falam de vantagens ultimamente obtidas sobre os afghans, mas que significam essas vantagens, se o exercito russo tomar posições? E ainda

que as não tome, nós acreditamos muito pouco nas vantagens obtidas pelos inglezes, ou antes no resultado d'essas vantagens. A posição e o caracter dos afghans dizem-nos que os inglezes só os dominariam, se occupassem militarmente o paiz, mas podem elles fazel-o? E consentil-o-ia a Russia?

E' bem clara e positiva a linguagem dos jornaes de S. Petersburgo; elles julgam indispensavel a guerra, ainda sem esta provocação da Inglaterra, quanto mais se vissem o Afghanistan occupado pelas forças britannicas.

O outro ponto, que incommoda os diplomatas inglezes, é a alliança da Prussia com a Austria. O ultimo conselho de ministros tratou da convocação do parlamento, e afirma-se que aquelle conselho estava ainda mais impressionado pela alliança das duas potencias, do que pela attitudo ameaçadora da Russia.

Tal é em globo o estado em que vemos a Europa, a que podiamos ainda acrescentar, que a Hespanha tambem promette dar o seu contingente, e que mais fogosos do que os povos do norte, os nossos visinhos não teem talvez paciencia para esperar pela primavera; apesar das felicidades em que nada a Hespanha, segundo nos affirmam algumas pessoas mercenarias, e os jornaes do governo.—«Esperança».

Martyr christão.—Lê-se no «Jornal da Noite»: «Segundo noticias de Hunan (China), foi barbaamente martyrisado por ordem dos tribunaes ordinarios de Shang-niehien, alleia da citada provincia, um christão, chamado João Lien-pen-kiaw.

Parece que os habitantes d'aquella aldeia, extremamente hostis ao christianismo, o accusaram de praticar artes magicas. Levado o martyr de que fallamos perante o tribunal, foi despido e açoitado, para declarar que os christãos eram os causadores de todos os males que sobre elles pesavam, e foi intimado ao mesmo tempo para que renunciase a sua fé.

Depois de soffrer com heroica resignação o principio de tão cruel martyrio, foi abandonado pelos verdugos, emquanto deliberavam acerca da sua sorte.

O resultado d'essas deliberações foi condemnarem-no a ser queimado vivo, não sem terem insistido primeiro em o fazer renegar da sua fé; mas tudo foi embalde.

Nem os tormentos soffridos nem o desgraçado fim que o esperava o fizeram recuar um passo na senda emprehendida, decidido como estava a derramar o seu sangue em favor da religião christã.

O desventurado João foi atado a um poste, e collocaram-lhe sobre os hombros um barril, deixando um pequeno espaço entre o seu corpo e o circulo que o limitava; depois accenderam uns troncos que lhe collocaram a altura da cinta, o que produzia a natural subida do fumo para a cabeça. O resultado d'este supplicio foi o desmaio da victima e uma grande hemorragia pelos olhos, bocca, ouvidos e nariz.

Assim que recuperou os sentidos, collocaram-no sobre um monte de lenha, untaram-lhe o corpo com materias resinosas, e pizeram fogo á lenha. A victima de tão inqualificavel acto reson emquanto lhe foi possivel, offerecendo a Deus em voz alta o sacrificio da sua vida.

Portuguezes fallecidos.—Desde 19 a 25 de setembro, falleceram no Rio de Janeiro, os seguintes subditos portuguezes:

Bernardo Teixeira de Andrade Machado, 35 annos, solteiro; Manoel Joaquim Baptista, 42 c.; José Hypolito Guimarães, 28 s.; Antonio Luiz Fernandes Guimarães, 42 s.; Manoel Fernandes Junior, 60 s.; Maria Ignez Athaide, 23 c.; João José de Oliveira, 68 s.; José Moreira da Fonseca, 39; Maximino dos Santos, 25 s.; Maria Luiza, 59 c.; José Barbosa Magalhães, 25 s.; Eulalia Carneiro Vieira Nunes, 32 s.; Antonio Manoel de Oliveira, 43 s.; Antonio José Correia, 43 s.; José da Costa Oliveira Junior, 19; Joaquim Anton o Alves de Brito, 38 s.; José Antonio de Almeida, 25 s.; João Maria Vieira, 45 s.; Maria de Jesus, 32 s.; Antonio Rodrigues do Amaral Silva, 50 c.; Manoel Luiz, 51 c.; Antonio Rodrigues Antheiro, 50 c.; Francisco Antonio de Pinho, 48 c.; Joaquim da Silva Moreira, 31 c.; Antonio Francisco Macieira, 26 s.; Paulino José de Castro, 45 c.; Joaquina, 18 s.; Manoel da Costa Novo, 36 s.; Maria Izabel Teixeira, 35 c.

Novo almanach de lembranças para 1880.—Um elegante volume de 328 paginas compactas, com o retrato

gravado em aço e o elogio biographico do distincto escriptor José Luciano de Castilho, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, bacharel formado em direito.

Este annuariozinho litterario entrou no 30.º anno da sua publicação. Sem cousa alguma perder do caracter, que o tem tornado por assim dizer popular, e a que deve a sua já longa existencia, abre no presente anno uma interessante secção de quotidiana utilidade publica, qual é a descripção burocratica de Portugal, comprehendendo a relação de todos os concelhos e comarcas do reino e ilhas, com o respectivo numero de freguezias e julgados e população, conforme o censo de 1877; as divisões judiciaria, aduaneira, militar, telegraphica e outras, incluída a relação nominal dos principaes funcionarios administrativos, judicarios e politicos, e a enumeração das principaes corporações, estabelecimentos e sociedades de Lisboa e Porto, e seu pessoal superior, a saber: advogados e solicitoes; conservatorias; policia civil; camaras municipais; postos medicos e consultorios; bancos e companhias de seguros; hoteis e restaurantes; secretarias; tribunaes, etc. E para completar quanto possivel e vulgarisar o conhecimento dos serviços do estado, o Almanach insere pela primeira vez, inclusivè em publicações d'este genero, as principaes tabellas de todo o serviço do correio e condições de permutação de correspondencia, a saber: permutação entre os correios do continente do Reino e Ilhas; Provincias Ultramarinas; Paizes da União Postal; differentes paizes, por intermedio dos Estados da União Postal evias respectivas; vales internacionaes e respectiva tabella de redução de cambios; cartas registadas com declaração de valor. O Almanach contém tambem as costumadas tabellas de todas as linhas ferreas portuguezas; tabella de preços e distancias ás principaes cidades da Europa; tabella de preços dos logares nos theatros; tabellas dos eclipses, das marés, da equação do tempo; dos signaes de incendio, etc., etc.

Além dos referidos melhoramentos introduzidos este anno, modificou-se tambem o genero da cartanagem, substituindo a de papel pela cartanagem inteira de percaline, muito mais elegante, solida e duradoura, elevando o seu custo apenas de vinte reis; sendo portanto os preços actuaes: em brochura 240 reis, cartanagem inteira de percaline 320 reis. Remetido pelo correio mais 25 reis em brochura e 30 reis cartonado.

O «Almanach de lembranças» é o livro mais barato que se publica em Portugal, e aquelle que porventura offerece melhor pretexto de aprazivel convivencia litteraria e maior somma de materias de utilidade publica.

Deposito geral em Lisboa, LIVRARIA BERTRAND, 73, Chiado, 75.

Moda Illustrada.—Publicou-se o n.º 20 da *Moda Illustrada* correspondente a 15 de outubro. O summario é o seguinte:

Gravuras: Capa de viagem (frente e costas) = Vestido para creança de quatro a cinco annos (frente e costas). = Sete vestuarios para creança. = Penteado para menina, seis desenhos. = Mantelete elegante (frente e costas). = Sete modelos de capas e paletots para inverno. = Enyigma.

Supplementos: Figurinos de modas, coloridos. = Folha de moldes.

Artigos: Correio da moda = De relance. = A' sombra dos lilazes. = Uma companhia incommoda (romance). = Carteira do doutor. = Recommendações ateis. = Mil e uma receitas. = Correspondencia.

Assigna-se na *Empreza Hros Romanicas*, rua d'Atalaya, 42, Lisboa.

A's almas caritativas.—Recomendamos e muito ás pessoas caritativas a desventurada Maria José da Silva, moradora na rua dos Sapateiros, n.º 7. Vive em extrema penuria, e padece de doença incuravel.

A' caridade publica.—Muito commendamos ás pessoas caridosas o infeliz Antonio Marques da Costa, morador na rua de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 4, 3.º andar, que se acha na maior necessidade e doente, vivendo só da caridade das pessoas que o soccorrem com alguma esmola.

APPELLO AOS CATHOLICOS

A Associação de JESUS, MARIA E JOSÉ, erecta na cidade do Porto, com o fim de abrir escolas gratuitas para edu-

cação de meninos pobres, de ambos os sexos, vendo-se obrigada a deixar o edificio onde se acham funcionando, em Villa Nova de Gaya, as duas escolas, uma de meninos e outra de meninas, resolveu, em sessão de 14 de setembro do corrente anno de 1879, mandar construir uma casa apta para receber as duas mencionadas escolas.

Já lhe foi dado, para este fim, terreno por pessoa caritativa; mas fallecem-lhe meios pecuniarios para levar ao cabo obra tão util á humanidade.

A Associação confia muito nos sentimentos generosos dos snrs. associados e mais pessoas amantes da humanidade que a coadjuvarão de bom grado em uma empreza que tem por fim arrancar da ignorancia e do vicio a tantas creanças que, sendo bem educadas, podem vir a ser bons cidadãos e prestar relevantes serviços á sociedade.

A subscrição fica aberta na redacção d'este jornal.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados não podendo agradecer pessoalmente, como era o seu desejo, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua extremosa neta, filha e irmã D. Maria Amelia de Carvalho Noronho, fazem-no por este meio, protestando a todas o seu eterno reconhecimento e gratidão.

Ribeira de Pena 13 de outubro de 1879.

Izabel Joaquina de Noronha
Maria Joanna Borges de Noronha
Herminia Candida de Carvalho Noronha
Manoel Vicente Gonçalves de Carvalho
José Manoel de Carvalho Noronha
João José de Carvalho Noronha. (2663)

ANNUNCIOS

AVISO

No dia 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no Paço do Concelho, hade proceder-se ao sorteamento e extracção do contingente para o recrutamento militar de 1879.

Braga 17 d'outubro de 1879.

O escrivão da camara

A. M. Alves Costa.

Banco Commercial de Braga em liquidação

São chamados todos os credores por promissorias a virem receber 30 % sobre seus creditos, principiando o pagamento no dia 22 do corrente, em todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde, na intelligencia de que não comparecendo desde o dia designado até ao dia 8 do futuro mez de novembro, ficam privados do vencimento de juros sobre a quantia que hoje lhes cabe em rateio.

Braga 17 de outubro de 1879.

A commissão liquidataria

Francisco José d'Araujo.
Manoel Duarte Goja.
Manoel Antonio da S.ª Pereira Guimarães.
Antonio José Antunes Reis.
João Luiz Pipa.

PEDIDO

A Meza do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte roga a todas as pessoas amadoras e possuidoras de jardins, que tenham superabundancia d'arvores de adorno, arbustos, camelias ou outras quaesquer plantas, se dignem favorecer com ellas o mesmo Sanctuario, para embellezar este tão pittoresco local; dando parte ao thesoureiro o snr. Manoel José Rodrigues de Macedo, rua do Souto, n.º 42, n'esta cidade de Braga, para a Meza enviar pessoa competente que do sitio que lhe for indicado as traga com o necessario resguardo. A Meza, esperando que este pe-

Antonio Alves dos Santos Costa.

Os altos da casa da rua do Campo, n.º 22, com bons commodos para uma numerosa familia, agua encanada e bellas vista. Quem pretender dirija-se á mesma. (2557)

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1879